

TEATRO BANDO

OLHOS DE GIGANTE

A PARTIR DE
ALMADA NEGREIROS

ENCENAÇÃO
JOÃO BRITES E MIGUEL JESUS

25 abr a 28 abr'13

Teatro O Bando | Vale dos Barris | Palmela

5ª feira 11h15

6.ª e sáb. 21h15 | dom. 16h15

Bilhetes: 6, 8 ou 10 euros (o espectador escolhe quanto quer pagar)

a partir de **ALMADA NEGREIROS**

dramaturgia e encenação **JOÃO BRITES e MIGUEL JESUS**

cenografia **RUI FRANCISCO**

música **JORGE SALGUEIRO**

oralidade **TERESA LIMA**

figurinos **CLARA BENTO e FÁTIMA SANTOS**

com **ANA BRANDÃO, RAÚL ATALAIA e GIL GONÇALVES** (músico)

criação **TEATRO O BANDO**

co-produção **TNDM II**

M/6



O espetáculo

“Não tenhas medo de estares a ver a tua cabeça a ir directamente para a loucura, não tenhas medo! Deixa-a ir até à loucura! Ajuda-a a ir até à loucura. Vai tu também, pessoalmente, com a tua cabeça até à loucura!”.

Enquanto alguns só vêm aquilo que está mais perto, ocupados com os afazeres de cada dia, outros sonham com as paisagens e as quimeras mais longínquas, sem conseguirem distinguir os contornos que os rodeiam. Uns não sabem sonhar senão a vida, outros não sabem viver senão o sonho. Mas como se mantém então o mundo a funcionar? E que mundo é o nosso, que vivido ou sonhado, esconde sempre um outro lado?

Queremos partir para o desconhecido, sabendo que é preciso parar para partir, mesmo que se parta sem sair do lugar. Sabendo que se lá chegarmos não poderemos mais perguntar à nossa sombra: de quem foges tu? Sabendo que algo terá de desaparecer quando a luz se apagar. Acreditando que alguma coisa finalmente aparecerá quando a escuridão se acender.

OLHOS DE GIGANTE – Ficha Técnica

produção executiva **SARA DE CASTRO** direcção de montagem **FÁTIMA SANTOS** assistente produção **FILIPA RIBEIRO** desenho de luz **JOÃO CACHULO** operação luz **PEDRO ALVES** (TNDM II) operação som **PEDRO COSTA** (TNDM II) direcção de cena **CARLOS FREITAS** (TNDM II) engenharia da estrutura **EGÍDIO LIMA RAMOS** construção cenográfica **ZECA GALAMBA** assistente de cenografia e fotografia de processo criativo **JOANA SABOEIRO** execução figurinos **TERESA LOURO** construção de adereços **JOÃO CÁCERES ALVES** e **DAVID PALMA** fotografias **FILIPE FERREIRA** agradecimento **NUNO MELO**



entre uma verdade e a outra está a dúvida

E se a luz do sol brilhasse durante vários dias seguidos, em dias contínuos com oscilações mínimas, prosseguindo de dia e de noite, ou melhor, de dia e de dia e de dia? Esqueceríamos nós as várias tonalidades que atravessam normalmente o céu ao longo das horas? Deixaríamos de compreender quão reveladora pode ser a noite? Caminharíamos para o culto de um obscurantismo luminoso de quem aos poucos perdeu a capacidade de sonhar? Até quando conseguiríamos erguer nossos Olhos de Gigante, experimentando ver o que não existe realmente, ousando dizer que a realidade nos é insuficiente, castradora, diminuta? De dia e de noite todos somos sempre os primeiros censores de nós próprios, agrilhoando vontades, dissipando gestos e amordaçando alguns gritos. Diminuindo o sentido crítico, fazendo das quimeras ilusões, das utopias ingenuidades e dos desejos apetites, aceitando essa estranha realidade que se constitui enquanto ponto de encontro de vários sonhos esquecidos.

Se o sol estivesse a pino há muitos meses, quanta coragem seria necessária para olharmos a nossa própria sombra projectada nas paredes? Conheceríamos o nosso vulto e saberíamos reconhecer-nos? Lembrar-nos-íamos de como as sombras crescem e ultrapassam a nossa dimensão nas horas em que o sol entardece ou em que a lua nasce? Será que acreditaríamos ainda que algo poderá desaparecer quando a luz se apagar e que alguma coisa finalmente poderá aparecer quando a escuridão se acender? Ou, loucos reais cheios de luz por dentro, uma sombra breve bastaria para acordar o nosso sonho e nos lembrar que o sol não deve imperar sobre a escuridão? Saberíamos ainda que sonho e realidade fazem parte de um mesmo equilíbrio interdependente? Sonhando ou não sonhando, todos seguimos divididos, existindo à vez dentro de nós mesmos. Por vezes vemos somente aquilo que está mais perto, ocupados com os afazeres de cada dia, por outras sonhamos com as paisagens e as quimeras mais longínquas, sem conseguirmos distinguir os contornos que nos rodeiam. Por vezes não sabemos sonhar senão a vida, por outras não sabemos viver senão o sonho.

Se ao longo de gerações e gerações o sol parasse alto, quente, sufocante? Se a sua luz nos cegasse, qual longo período de trevas, e a noite não fosse senão um mito escuro? Teríamos ainda memória de como frente ao sol rasante o nosso delírio se costumava erguer maior que tudo o que é visível? Quando desejássemos fantasiar, partir para o desconhecido, habitar um mundo desvairado e delirante, saberíamos por onde começar? Saberíamos ainda da proximidade que inventar tem de imaginar e imaginar de idealizar? Tanto partindo como ficando, todos sonhamos outras vidas, outras terras, outros tempos. E só as verdades inquebráveis, como um sol pequeno, dourado, poderoso e inquestionável, nos fazem desistir antes mesmo de começar, transformando os sonhos em miragens. Pelo contrário, aceitar o jogo da ilusão, criar, não é mais que duvidar, aceitar e acarinhar a dúvida, continuamente. Acreditando sempre. Alargando os nossos horizontes. Não nos tornando imóveis pela hesitação ou pelo medo mas deixando-nos sim num exercício de interrogação ininterrupto que luta contra o nosso próprio conformismo. Nesses momentos de dúvida saberíamos então exactamente o que estamos a dizer. E certamente lembraríamos as palavras do Mestre da Simplicidade: “muito mais difícil do que responder é perguntar”.

Miguel Jesus

É português o mais importante tubista do mundo, Sérgio Carolino. Gil Gonçalves foi seu aluno e é, também ele, um tubista excepcional em qualquer parte do mundo. Refiro este instrumento porque é o que faz parte desta peça, mas Portugal tem hoje a maior e mais bem preparada geração de músicos da sua história (como em muitas outras áreas, muitos estão a emigrar, outros a desistir). Pergunto-me todos os dias o que será dos milhares de jovens que estudam nas dezenas de conservatórios que proliferam pelo país. Apesar disso, as instituições que mais dinheiro recebem do estado com actividade na área da música continuam cegas, surdas e mudas ao que se passa no país, sem estratégias a longo prazo, nem sequer uma estratégia de emergência para amortecer este tsunami. Nomearam pessoas sem um pensamento para o país, o nosso país, e deixam-nas praticar o mais descarado colonialismo cultural. Adoramos entregar o ouro ao bandido... Pior que isto, só os juro da dívida e um 1º ministro desafinado. É psicológico.

Jorge Salgueiro

Manifesto visual

MANIFESTO VISUAL



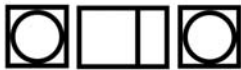
Fazer o que nunca se fez pode ser uma prova de humanidade.



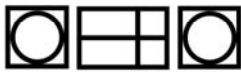
Levar a cabeça até à loucura faz respirar a solução.



Deixem pensar os corações porque até eles tem neurónios.



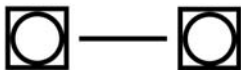
Viajar em linha recta é o caminho para o nada.



Insistir no erro é estúpido e grosseiro.



Fazer acreditar que não podemos sair da nossa própria sombra é a ordem das casas vazias.



Escolher o lado é uma obrigação.



Se regressares, caminha descalço.



Encontrar-me com os outros é encontrar-me comigo.

040313

Rui Francisco

Equipa Artística

ANA BRANDÃO

Nasce em Lisboa, em 1971. Forma-se como atriz no Curso de Actores do Instituto Franco-Português. O seu percurso teatral caracteriza-se pela relação continuada que mantém com alguns grupos e criadores, entre as quais se salienta o Teatro O Bando, Cooperativa de que é cooperante e com quem trabalha desde 1993. Participa, entre outros, em GENTE SINGULAR, ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, VASSILISSA e RUA DE DENTRO. Trabalha com o grupo Primeiro Sintomas, com O Novo Grupo – Teatro Aberto, com A Barraca, o Útero, a Mala Voadora, com Nuno Cardoso, Cláudio Hochman e Maria João Luís. Em televisão participa nas telenovelas “Fúria de Viver”, “O Jogo” e “Vingança”. Também participa nas séries “Inspector Max”, “Jura”, “Maiores de 20”, “Pai à Força”, “Liberdade 21” e “Conta-me Como Foi”. Desenvolve uma carreira musical como cantora, na qual se destacam as colaborações com Carlos Bica, de que resultou o CD editado “Diz”. Actualmente, desenvolve um projecto musical com o pianista João Paulo Esteves da Silva e canta nos Real Combo Lisbonense de João Paulo Feliciano.

RAÚL ATALAIA

Nasce em 1952, em Tomar. Frequenta o curso de Engenharia Electrotécnica do Instituto Superior Técnico de Lisboa e participa em diversas formações em Lisboa, Paris e Bruxelas, nas áreas do movimento, música, máscara e circo. Integra a equipa do Teatro O Bando no ano de 1975, e torna-se membro da Cooperativa no ano seguinte. Desde essa altura, lidera diversas formações de teatro para estudantes e professores. Desde 2009 que é reconhecido como Formador (CAP) pelo IEPF. É formador nas acções CONFRARIA DO TEATRO, no Teatro O Bando, mantendo também a relação da companhia com as escolas da região. Foi encenador e actor de vários espectáculos no Teatro O Bando, contando-se entre os mais recentes: GRÃO DE BICO, JESURALÉM, AINDA NÃO É O FIM e AUTO DA PURIFICAÇÃO. Enquanto membro da Direcção do Teatro O Bando, é responsável pela Gestão Financeira e pelas Relações Internacionais, estabelecendo a ligação entre Teatro O Bando e a rede Platform 11+, possibilitando ao grupo o constante intercâmbio artístico com diversos grupos europeus.

GIL GONÇALVES

Nasce em Samora Correia, em 1983. Licenciado em Instrumentista de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra, estuda de seguida na Escola do Hot Clube de Portugal e no Conservatoire National de Région d'Amiens. Participa em várias masterclasses de tuba e workshops na área do jazz com professores e pedagogos de diversos estilos musicais. Faz parte da Orquestra Nacional de Sopros dos Templários e é solista com a Orquestra de Sopros do INATEL, UMO Jazz Orchestra, Ensemble Português de Tubas e Orquestra de Sopros da Bairrada. Em 2008, ganha o 1º Prémio na Categoria Sénior no I Concurso Nacional de Sopros Terras de La-Salette. Faz parte da Orchestre des Jeunes de la Méditerranée (França) numa tournée realizada na Turquia. É distinguido com o "Prémio Revelação Carlos Gaspar". Desenvolve vários projectos artísticos e interpreta diversos tipos de repertório, o que inclui a gravação de diversos álbuns. Actualmente é artista Miraphone e toca com os modelos F-Tuba 1281 "Petrushka" e CCTuba 12915.

JOÃO BRITES

Dramaturgista, encenador e cenógrafo, nasce em 1947, partindo para Bruxelas em 1966. Estuda na ENSAAV, La Cambre, onde termina o curso de Gravura e frequenta os cursos de Pintura Monumental e de Cenografia. Realiza até 1974 algumas exposições individuais e participa em várias exposições colectivas. Em 1974 regressa a Portugal e funda o Teatro O Bando. É co-fundador da delegação portuguesa da ASSITEJ chegando a fazer parte do executivo internacional. Em 1977 co-organiza os Primeiros Jogos Populares Transmontanos. Entre 1978 e 1989 co-organiza uma dezena de festivais de teatro anuais dedicados à criação de espectáculos para os públicos jovens, enquadrados pelo CPTIJ. Entre 1999 e 2008 é director artístico do FIAR. É o director da Unidade de Espectáculos da EXPO'98. Em 1999 recebe o grau de Comendador da Ordem do Mérito. Ao longo de 38 anos no Teatro O Bando, elabora como dramaturgista versões cénicas de textos não dramáticos de autores portugueses, que posteriormente encena, e concebe espaços cénicos em territórios imprevisíveis. Concebe e coordena grandes eventos para milhares de espectadores: a Inauguração do Monumento de Homenagem às gentes da Póvoa do Varzim; a Abertura de Lisboa Capital da Cultura, em 1994; o 25º Aniversário do 25 de Abril no Terreiro do Paço; as comemorações do Centenário da República Portuguesa na Praça do Município, em 2010. É autor de inúmeros artigos sobre teatro e sobre o processo de criação no Bando e participa em vários colóquios, seminários e congressos. Actualmente é professor na ESTC e orienta estágios e cursos de formação no domínio do teatro, dirigindo oficinas a propósito da consciência do actor em cena. É galardoado: em 2004 com o Prémio Almada; em 2008, com SAGA – Ópera Extravagante, ganha o prémio Melhor Encenador Guia dos Teatros e o Prémio Anual

da APCT; em 2010 a encenação QUIXOTE recebe o prémio SPA de Melhor Espectáculo. Em 2011 é o comissário da Representação Portuguesa na Quadrienal de Praga.

MIGUEL JESUS

Nasce em Lisboa em 1984 e é licenciado em Artes do Espectáculo pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 2003 e 2006 trabalha como músico em diversos projectos. É cooperante e faz parte da Direcção Artística e da equipa do Teatro O Bando, onde trabalha também em comunicação, conteúdos e dramaturgia. Assistente de encenação de João Brites em diversos espectáculos, encenou os concertos MARÇO GRITA MAIO – evento comemorativo dos 37 anos do 25 de Abril, com composição de Lino Guerreiro e a participação de João Afonso, desenvolvido numa parceria entre a Big Band Loureiros e o Teatro O Bando –, “Da Cor da Água” e “A Vida de um Vinho” – espectáculos com direcção artística e composição musical de Jorge Salgueiro. Publica em 2011 a peça “Inês morre”, a qual deu origem ao espectáculo PEDRO E INÊS – uma criação do Teatro O Bando desenvolvida em co-produção com a Fundação Centro Cultural de Belém. Em 2012 esse mesmo livro dá também origem a uma mini-ópera homónima apresentada no Teatro Nacional São Carlos. É fundador do colectivo GALATEIA e prepara actualmente um livro de versões de poemas de W. B. Yeats, “da rosa o espinho”.

RUI FRANCISCO

Arquitecto e Cenógrafo, nasce em Almada, em 1968. Estreia-se como Assistente de Cenografia de José Manuel Castanheira e inicia actividade no Gabinete Troufa Real – Arquitectos. É membro da Ordem dos Arquitectos; fundador do atelier de arquitectura Oxalis; e membro fundador e da direcção da Associação Portuguesa de Cenografia. Percorre os Territórios Livres da Arquitectura e da Cenografia, como autor de espaços cénicos para teatro, televisão e cinema. Como arquitecto, destaca o Centro de Cidadania Activa, iniciativa da SEIES, e o Teatro Meridional, Mitra, Lisboa. É co-autor do Projecto de Arquitectura do Museu do Oriente com Carrilho da Graça, premiado como Melhor Museu Português de 2009. Cooperante e membro da Direcção Artística do Teatro O Bando, persegue em colectivo o Singularismo. Autor do Projecto de Arquitectura da Sede do Grupo, desenvolveu os espaços cénicos das produções ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, SAGA (Prémio APCT 2008), CRUCIFICADO (Melhor Trabalho Cenográfico, Prémio Autores SPA/RTP 2010) e QUIXOTE (Melhor Espectáculo, Prémio Autores SPA/RTP 2011), entre muitos outros. É co-autor, com João Brites, e coordenador da Representação Portuguesa na Quadrienal de Praga 2011.

JORGE SALGUEIRO

É compositor e dirige algumas das suas obras. Compõe regularmente desde os catorze anos, sendo autor de cerca de cento e noventa obras. Entre as obras produzidas, são de referir – destacadas por si – nove óperas: “Merlin”, “O Achamento do Brasil”, “Pino do Verão”, “Orquídea Branca”, “Saga”, “Quixote”, “O Salto”, “Deu-la-Deu” e “A Coragem e o Pessimismo”. Destaca ainda: três sinfonias – “N.º 1 A Voz dos Deuses”, “N.º 2 Mare Nostrum” e “N.º 3 Dos Lusíadas”; as fábulas sinfónicas “A Quinta da Amizade” e “Projecto Tartaruga”; a cantata “O Conquistador”; o “Requiem pela Humanidade”; e a abertura para o “Gil”. Da sua obra consta ainda diversa música para orquestra, banda, coro, de câmara, para teatro, cinema, bailado e para crianças. Para além destas criações, realizou mais de três centenas de arranjos de obras de outros autores. Entre 2000 e 2010 foi compositor residente da Banda da Armada Portuguesa. Actualmente é compositor residente da Foco Musical. Cooperante e membro da Direcção Artística do Teatro O Bando, vem desenvolvendo um trabalho de continuidade nas encenações de João Brites, nas quais as suas criações musicais assumem um papel crucial para a concretização dos desígnios dramáticos.

TERESA LIMA

Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica, onde também tira o Curso de Ciências Pedagógicas, faz formação de actores na Comuna Teatro de Pesquisa e o Curso de Arte de Dizer no Conservatório Nacional de Lisboa. Como professora de voz: orienta diversos estágios pedagógicos; é professora destacada na Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário e na Direcção Regional de Educação do Norte; orienta cursos em várias universidades e institutos; e dá aulas na Academia Contemporânea do Espectáculo, no Ballet-Teatro, na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, na Escola Superior de Dança e no Centro de Estudos Judiciários. Actualmente é professora na ACT – Escola de Actores e no curso de formação de actores da ETIC, dirigido por Diogo Infante. Ao longo do seu percurso, trabalha como actriz na Comuna, no Novo Grupo (de que é co-fundadora) e no Teatro O Bando. Desde 2000 que faz parte da Direcção Artística do Bando, como responsável pela oralidade de cerca de trinta espectáculos e orientando regularmente cursos de formação para actores.

CLARA BENTO

Nasce no Porto, a 4 de Novembro de 1952. Conclui o curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Desde 1976 que se dedica à criação e execução de figurinos e objectos cénicos. Colabora com os grupos de teatro da cidade do Porto, O Realejo e Os Comediantes, entre 1976 e 1983. Em 1984 realiza objectos cénicos para a Companhia Estável de Teatro das Alagoas em Maceió, Brasil. De 1985 a 1990, colabora com o Museu Municipal de Setúbal na construção de marionetas, materiais didácticos e instalações temáticas e mais tarde com o Teatro Infantil de Lisboa e com o Teatro Universitário de Coimbra, TEUC e CITAC, na criação de figurinos. Paralelamente, exerce o ensino de artes plásticas no ensino oficial. Recentemente, é responsável pela criação de figurinos e adereços para os concertos de composição e direcção de Jorge Salgueiro “Mater e Eros”, “Da Cor da Água” e “A Vida de Um Vinho”. Faz parte da Associação Portuguesa de Cenografia. Desde 2000 que faz parte da Direcção Artística do Teatro O Bando, sendo a responsável pela criação e execução de figurinos e adereços. Cooperante do Teatro O Bando coordena também o funcionamento do Acolhimento.

FÁTIMA SANTOS

Nasce em 1959, em Soure. Aos 16 anos trabalha pela primeira vez no Teatro O Bando, como aderecista. A sua formação vem a juntar ao 2º ano do Curso Complementar de Contabilidade, a carteira profissional de actriz, o Curso de Expressão Dramática na Animação do IFST, o Atelier de Iniciação ao Teatro dos Fantoches no FAOJ, e o Atelier de Jogo Dramático, inscrito no IV Encontro Nacional de Teatro para a Infância e Juventude. Colabora nos Cursos de Alfabetização na CRAMO da freguesia da Madalena, em 1975, e trabalha como animadora cultural do grupo Os Papa Léguas em ateliers de expressão dramática, pintura e fantoches. É auxiliar de educação em jardins infantis e monitora do ATL em Actividade, Expressão Dramática e Arte Plástica, no Bairro Junção do Bem, em Oeiras. Trabalha como actriz, figurinista, aderecista e na sonoplastia e luz em vários espectáculos, com os grupos de teatro Alpha-Cic, Os Patolas – em encenações de Horácio Manuel –, Os Papa-Léguas e o Teatro O Bobo. Desde 1987 que integra a equipa fixa do Teatro O Bando, onde trabalha como aderecista, actriz, contra-regra, técnica e figurante. Cooperante do Bando, é a responsável pela Itinerância e pela Direcção de Montagem.

TEATRO O BANDO

Fundado em 1974 e constituindo-se como uma das mais antigas cooperativas culturais do país, o **Teatro O Bando** assume-se como um colectivo que elege a transfiguração estética enquanto modo de participação cívica e comunitária. As criações do **Bando** definem-se pela sua dimensão plástica e cenográfica, marcada sobretudo pelas Máquinas de Cena, e pelo trabalho dramático. Na sua maioria de autores portugueses, os textos encenados são a grande parte das vezes obras não dramáticas, às quais a forma teatral confere outra comunicabilidade. O **Teatro O Bando** continua a procurar o singularismo das suas criações através duma metodologia colectivista onde se procura a diferença, a interferência, a ruptura, a colisão dos pontos de vista. Rural ou urbano, adulto ou infantil, erudito ou popular, nacional ou universal, dramático ou narrativo ou poético – tais as fronteiras que o **Bando** se habituou a transgredir. Ao longo do seu trajecto o grupo esteve ligado a múltiplos projectos nacionais e internacionais e a aposta na itinerância continua a levar vários espectáculos por todo o país e além fronteiras. Depois de diversas moradas, de há doze anos para cá que o **Teatro O Bando** habita uma Quinta em Vale dos Barris – Palmela, onde se encontra um número ainda insuspeito de palcos potenciais feitos de estrelas, de oliveiras e penedos.



Direcção da Cooperativa **João Brites, Raúl Atalaia, Sara de Castro** Direcção Artística **João Brites, Rui Francisco, Jorge Salgueiro, Teresa Lima, Clara Bento, Miguel Jesus** Equipa Fixa **João Brites, Raúl Atalaia, Sara de Castro, Fátima Santos, Miguel Jesus, Guilherme Noronha, Paula Gato, Lúcia Rus** Colaboradores **Ana do Rosário de Bragança, António Braga, Elsa Ferreira, Lima Ramos, Sérgio Milhano, Isabel Atalaia, Setulgeste, Famcorp Lda.** Cooperantes **Adelaide João, Ana Brandão, Antónia Terrinha, António Braga, Bibi Gomes, Clara Bento, Fátima Santos, Gonçalo Amorim, Guilherme Noronha, Horácio Manuel, Isabel Atalaia, João Brites, Jorge Salgueiro, Lima Ramos, Miguel Jesus, Miguel Moreira, Nicolas Brites, Paula Só, Pedro Gil, Raúl Atalaia, Rui Francisco, Sara de Castro, Suzana Branco**